

## Para uma conceituação da bioestética<sup>1</sup>

Raúl Antelo (UFSC)

### Objetivos e estado do debate

O atual projeto, visando uma conceituação da bioestética, é inserido na linha de pesquisa sobre Teoria da Modernidade que, há anos, vem trabalhando em torno da *poética das imagens ausentes*. A Estética tem uma dimensão abertamente fundacional da experiência, que exige concebê-la como uma reflexão cujo objeto é a mais íntima exposição do sentir humano, a do contato ou *aisthesis*, na esfera da operação cognitiva e da produção de sentido, o que alavanca formas de saber e formas de vida, que a vinculam, em última análise, com a técnica e o artifício. Luis Juan Guerrero, importante pioneiro latino-americano na incorporação de conceitos de Benjamin, Blanchot e Malraux, definia a obra de arte através de quatro cenas emblemáticas: ela é um apelo à presença, ela é uma composição expositiva, ela é a instalação de um espaço imaginário e, por último, a origem de uma orientação discursiva. Mas, segundo Guerrero, quem agir apenas de maneira especulativa, confiscando a obra de arte da esfera da vida para levá-la ao domínio puramente reflexivo, capta a obra de um modo in-operante quando, na verdade, ela é retro-operante, pois se recusa a buscar uma resposta criativa ou a executar a obra, quer dizer, a encontrar um modo de co-operar para sua efetiva participação, o que deveria, a rigor, ativar essa tão desejada operatividade da arte. Em outras palavras, Guerrero entende que a obra é um ser operatório, que se manifesta tanto na sua

---

<sup>1</sup> La ponencia presentada para la Red Katatay en Vaquerías, Córdoba, Argentina 2011 consistió en el Proyecto de Investigación que aquí se resume tal cual está registrado desde 2011 en el CNPq, donde Raúl Antelo es investigador 1-A.

própria revelação, quanto no poder inerente de acolher a vida, donde deriva uma estética da potência artística. Essa maneira de conceber a estética remonta a uma das idéias fortes de Nietzsche, expressa em *A origem da tragédia* (1872), a de que a arte é o máximo estimulante da vida, tese central, segundo Heidegger, com que Nietzsche concebeu a arte moderna. A bioestética define, portanto, uma condição fundacional do sujeito moderno, qual seja, sua operatividade como força, em perpétuo estado de embriaguez, resultado do qual obtemos a obra de arte que, sob um ponto de vista perspectivista, nada mais é do que produção de formas de vida. Mas, nesse ponto, impõe-se o paradoxo de constatar que, quanto mais se expandem a criatividade e a operatividade da obra, mais se firma o desejo de controlar sua expansão fora de si. Essa tensão, presente já em Nietzsche, só irá se avolumar, depois de Heidegger, Deleuze, Foucault e Badiou, autores que abalam as figuras metafísicas fundacionais, tais como a totalidade, a universalidade, a essência ou o próprio fundamento da estética, para nos proporem, não exatamente a inexistência de fundamento da disciplina mas, a rigor, a ausência de um fundamento derradeiro, reconhecendo, assim, tanto a permanente contingência do estético, quanto seu caráter de fundamento apenas parcial e, em última análise, sempre falido, porque, ao acatarmos a autonomia e historicidade do próprio acontecimento estético, estamos, implicitamente, admitindo a indeclinável necessidade de decisão, perante a não menos incontornável divisão, discórdia e antagonismo que atravessam a esfera artística.